




revistafidelidade@terra.com.br • ano 4 • maio/2006 • nº 44 • R\$5,00

Revista

Fidelidade **ESPÍRITA**



Uma reflexão
sobre a
Eutanásia

A
Revista que
se **Responsabiliza**
Doutrinariamente
pelos Textos Publicados

SUMÁRIO

4 PERSONALIDADE

PESQUISADOR, CIENTISTA OU SÓ UM ESTUDIOSO?

Conheça a vida de Lamartine Palhano Júnior

6 ESTUDO

COMO ENSINAR A CRENÇA NA EXISTÊNCIA DOS ESPÍRITOS

O verdadeiro motivo das rebeliões na França

9 MEDICINA

SAMUEL CHRISTIAN FRIEDRICH HAHNEMAN

A história da homeopatia

10 REFLEXÃO

“VIVINHO DA SILVA”

A observação criteriosa das mensagens mediúnicas

13 ESCLARECIMENTO

QUEM FOI TIAGO

A Bíblia cita 4 Tiagos, vejamos quem foram eles

14 CAPA

UMA REFLEXÃO SOBRE A EUTANÁSIA

A visão Espírita sobre este tema delicado

20 SUPERSTIÇÃO

“CALCINHA VERMELHA” NO CENTRO ESPÍRITA

A crença nos benzimentos e magias

22 HISTÓRIA

COMPREENDENDO A ESCRAVIDÃO BRASILEIRA À LUZ DO ESPIRITISMO

A vinda dos negros africanos para trabalharem nas terras recém descobertas

27 COM TODAS AS LETRAS

CONHEÇA AS REGRAS DO PLURAL

Importantes dicas da nossa língua portuguesa



Edição

Centro de Estudos Espíritas
"Nosso Lar" – Depto. Editorial

Equipe Editorial

Adriana Levantesi
Leandro Camargo
Rafael Dimarzio
Rodrigo Lobo
Sandro Cosso
Thais Cândida
Zilda Nascimento

Jornalista Responsável

Renata Levantesi (Mtb 28.765)

Projeto Gráfico

Fernanda Berquó Spina

Revisão

Equipe FidelidadEspírita

Administração e Comércio

Elizabeth Cristina S. Silva

Apoio Cultural

Braga Produtos Adesivos

Impressão

Citygráfica

O Centro de Estudos Espíritas "Nosso Lar" responsabiliza-se doutrinariamente pelos artigos publicados nesta revista.

Preocupação com a morte



941. A preocupação com a morte é para muitas pessoas uma causa de perplexidade; mas por que essa preocupação, se elas têm o futuro pela frente?

- É errado que tenham essa preocupação. Mas que queres? Procuram persuadi-las, desde cedo, de que há um inferno e um paraíso, sendo mais certo que elas vão para o inferno, pois lhes ensinam que aquilo que pertence à própria Natureza é um pecado mortal para a alma. Assim, quando se tornam grandes, se tiverem um pouco de raciocínio, não podem admitir isso e se tornam ateus ou materialistas. É dessa maneira que são levados a crer que nada existe além da vida presente. Quanto aos que persistiram na crença da infância, temem o fogo eterno que deve queimá-los sem os destruir. A morte não inspira nenhum temor ao justo, porque a fé lhe dá a certeza do futuro, a esperança lhe acena com uma vida melhor e a caridade, cuja lei praticou, lhe dá a segurança de que não encontrará, no mundo em que vai entrar, nenhum ser cujo olhar ela deva temer.

O homem carnal, mais ligado à vida corpórea do que à vida espiritual, tem na Terra as suas penas e os seus prazeres materiais. Sua felicidade está na satisfação fugitiva de todos os seus desejos. Sua alma, constantemente preocupada e afetada pelas vicissitudes da vida, permanece numa ansiedade e numa tortura perpétuas. A morte o amedronta, porque ele duvida do futuro e porque acredita deixar na Terra todas as suas afeições e todas as suas esperanças.

O homem moral, que se elevou acima das necessidades artificiais criadas pelas paixões, tem, desde este mundo, prazeres desconhecidos do homem material. A moderação dos seus desejos dá ao seu espírito calma e serenidade. Feliz com o bem que fez, não há para ele decepções e as contrariedades deslizam por sua alma sem lhe deixarem marcas dolorosas.

O Livro dos Espíritos - Item 941

FALE CONOSCO

revistafidelidade@terra.com.br

(19) 3233-5596

Assinaturas

Assinatura anual: R\$45,00
(Exterior: US\$50,00)

Centro de Estudos Espíritas "Nosso Lar"

Rua Luís Silvério, 120 – Vila Marieta 13042-010 Campinas/SP
CNPJ: 01.990.042/0001-80 Inscr. Estadual: 244.933.991.112

Pesquisador, Cientista, ou só um Estudioso?

por Leandro Camargo - Hortolândia/SP

Com certeza as três opções são adjetivos apropriados a Lamartine Palhano Júnior. Nascido em Coronel Fabriciano/MG aos 15 de dezembro de 1940, foi residir em Vitória/ES ainda em sua infância. Na adolescência optou por estudar e seguir os ensinamentos espíritas.

Foi professor de microbiologia na Universidade do Espírito Santo e de patologia na Universidade Federal do mesmo Estado.

Palhano conciliou sua vida acadêmica com atividades no movimento espírita, contribuindo em diversas instituições, em Vitória/ES e Niterói/RJ (cidade na qual residiu

A publicação de livros de Palhano é o dado biográfico que mais chama a atenção

Indivíduo afeito aos estudos, graduou-se em farmácia, mestre em bacteriologia e doutorado em ciências pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

No campo científico realizou pesquisas em diferentes áreas, com destaque para seus estudos acerca da tuberculose, que resultou em diversas técnicas para diagnosticá-la. A vida acadêmica intensa teve como frutos inúmeros artigos em revistas científicas internacionais e apresentações em congressos do mesmo porte.

durante seus cursos de mestrado e doutorado).

Em decorrência de sua sólida formação intelectual, Lamartine não se escusou em contribuir com o estudo do Espiritismo, concedendo contribuição ímpar nesta seara através de aulas, seminários, grupos de estudo, publicação de livros, direção de Casas Espíritas, etc.

Na qualidade de pesquisador espírita, fundou e dirigiu a Fundação Espírito-Santense de Pesquisa Espírita (FESPE) e o Círculo de Pesquisa Espírita de Vitória (CIPES).



Lamartine Palhano Jr

A publicação de livros de Palhano é o dado biográfico que mais chama a atenção, especialmente pela versatilidade, quantidade e qualidade de seus escritos. De sua safra, vislumbram-se livros infantis¹, infante-juvenis², de teologia espírita³, biografias/história⁴, romances⁵, doutrinários/científicos⁶, dicionários⁷, mediunidade⁸, estudos bíblicos⁹, etc.

Além das contribuições intelectuais voltadas para a ciência laica e para o Espiritismo, Lamartine constituiu família, casando-se com Rosane Lima Palhano. Desta união nasceram dois filhos: João Marcelo e Clarice.

Com a idade física não muito adiantada - a um mês de completar 60 anos - aos 14 de novembro de 2000, há 5 anos, depois de uma proveitosa reencarnação, Lamartine Palhano Júnior desencarnou e segue sua senda evolutiva no plano espiritual.

Nosso respeito, admiração e gratidão a este companheiro devem ser expostos. Homem que cultivou a intelectualidade como poucos e a aplicou em prol do Espiritismo merece ser lembrado.

Apenas para ilustrar os dizeres expostos e dar uma mostra dos escritos deixados, é de bom alvitre apontar três trechos retirados dos livros de Lamartine:

(a) "O Espiritismo como Ciência precisa ter os seus termos bem definidos e diferenciados das ciências correlatas para melhor demonstrar seus reais objetivos, conteúdos e resultados. Como Filosofia os seus conhecimentos devem ser os mais claros e inteligíveis possíveis. No seu aspecto Religioso necessário é que a realidade de Deus e do Espírito seja bem compreendida. Apenas dessa forma é que a moral cristã verdadeira será estabelecida em toda a sua plenitude."¹⁰;

(b) "O estudo sistemático da Doutrina Espírita conduz a uma visão geral da importância da vida de cada ser vivente, bastando, para isso, que o conteúdo dos ensinamentos básicos de Kardec sejam bem compreendidos, numa leitura competente e eficaz."¹¹; e

(c) "A Mediunidade em todos os seus aspectos, ou pelo menos em quase todos, é passível de ser utilizada pelos homens em seu próprio benefício, seja física ou espiritual-

mente. No mundo atual, entre todas as filosofias e correntes religiosas, o Espiritismo é a única unidade doutrinária que oferece subsídios consistentes sobre o intercâmbio mediúnico. O Espiritismo no Brasil, consubstanciado nas pesquisas psíquicas de grandes pesquisadores como Zollner, Lombroso, Bozzano, Doyle, Richet, Lodge, Denis, Dellane e tantos outros, mantém viva a orientação de seu insigne Codificador Allan Kardec, erguendo bem alto a Religiosidade resultante das suas bases científicas e filosóficas. Desta forma, o Centro Espírita, unidade estrutural do Espiritismo no Brasil, moldado sob as luzes do Consolador, oferece o campo mais propício ao cultivo equilibrado, senão sublimado, da Mediunidade, possibilitando o alargamento de suas potencialidades nos mais variados tipos fenomênicos"¹². ■

¹ *A estrela de Belém; Jesus aos 12 anos; O pastorzinho de Belém e O velho Simeão.*

² *João Batista, o profeta do Cristo.*

³ *Teologia Espírita.*

⁴ *Mirabelli – um médium extraordinário; Dossiê Peixotinho; Eusápia – a feiticeira; Dossiê Fenelon Barbosa; Jeronymo Ribeiro: Dossiê e A verdade de Nostradamus.*

⁵ *As Chaves do Reino e Os Lírios do Pantanal.*

⁶ *Evocando os Espíritos; Laudos Espíritas da Loucura; Viagens Psíquicas no Tempo; O Significado Oculto dos Sonhos; O Livro da Prece; Espiritismo – Religião Natural e Magnetismo Curador.*

⁷ *Léxico Kardequiano e Dicionário de Filosofia Espírita.*

⁸ *Reuniões Mediúnicas; Transe e Mediunidade e Imortalidade dos Poetas Mortos.*

⁹ *Aos Efésios; Aos Gálatas – a Carta da Redenção e A Carta de Tiago.*

¹⁰ *Dicionário de Filosofia Espírita*, p. 10, ed. Celd, 2000.

¹¹ *Léxico Kardequiano*, p. 17, ed. Celd, 1999.

¹² *A Mediunidade no Centro Espírita*, p. 15, ed. Gela, 1ª ed., 1978.

Bibliografia:

Anuário Espírita de 2002, Ed. IDE.
www.lachatre.com.br

Como Ensinar a Crença na Existência dos Espíritos?

Alexandre Fontes da Fonseca - Brotas SP

O Livro dos Médiuns é dividido em duas partes: "Noções preliminares" e "Das manifestações espíritas". Muitas vezes, no desejo de conhecermos a mediunidade, nós damos pouco valor à primeira parte desse livro, esquecendo que essa "parte" foi colocada, por Kardec, em primeiro lugar, por alguma razão muito importante para a compreensão da obra como um todo.

O primeiro capítulo, da primeira parte do Livro dos Médiuns, intitula-se "existem Espíritos?" Kardec, como veremos a seguir, foi muito apropriado ao abordar esse assunto logo no começo.

Vejamos a primeira frase desse capítulo: "A causa principal da dúvida sobre a existência dos Espíritos é a ignorância da sua verdadeira natureza." Como falar da comunicação entre "vivos" e "mortos" sem saber a natureza desses últimos? Como acreditar que uma comunicação provém de um "morto" sem saber o que é um "morto"? Desde que a mediunidade é a faculdade que permite a comunicação entre os Homens e os Espíritos, o que são, afinal, os Espíritos?

O espírita, à primeira vista, não tem dúvida alguma em responder



... entre os Homens e os Espíritos, o que são, afinal, os Espíritos?

para si mesmo essas questões. Mas Kardec, sempre preocupado com o ensino da Doutrina Espírita, no terceiro parágrafo do ítem 18 do Livro dos Médiuns, assim se expressa: "Que os adeptos não se as-

sistem com a palavra ensino." (grifos em itálico no original). E acrescenta: "Não se ensina apenas do alto da cátedra ou da tribuna, mas também na simples conversação. Toda pessoa que procura per- ▶

suadir outra por meio de explicações ou de experiências, ensina."

O fato de sabermos a resposta para as questões acima significa que sabemos explicá-las a pessoas que desconhecem o Espiritismo? Como convencer uma pessoa interessada no Espiritismo da existência de Espíritos? Com a palavra, Kardec (item 19, Livro dos Médiuns): "Acredita-se geralmente que para convencer é suficiente apresentar fatos. Parecemos, realmente, ser este o procedimento mais lógico e, no entanto, a experiência mostra que nem sempre é o melhor, ..." E acrescenta que muitas pessoas recusam os fatos mais evidentes e não se convencem de nenhuma maneira.

Kardec, surpreendentemente, explica que a questão dos Espíritos está "em segundo lugar, não constituindo o seu ponto de partida." Mas qual seria, então, o ponto de partida? Kardec responde (ainda no item 19): "Sendo os Espíritos simplesmente as almas dos homens, o verdadeiro ponto de partida é então a existência da alma. Como pode o materialista admitir a existência de seres que vivem fora do mundo material, quando ele mesmo se considera apenas material? Como pode crer na existência de Espíritos ao seu redor, se não admite o seu próprio Espírito?" (grifos, em negrito, nossos).

A lógica não poderia ser mais simples: se uma pessoa acredita que ela é apenas "carne e osso", como ela pode acreditar em seres "além da matéria"? A solução para isso é dada por Kardec (item 19): "Para o materialista, o conhecido é matéria. Partir, pois, da matéria e tratai de lhe demonstrar, antes de tudo, que há

nele próprio alguma coisa que escapa às leis materiais. Numa palavra: antes de torná-lo espírita, procurai fazê-lo **ESPIRITUALISTA**." (grifos, em itálico e maiúsculas, originais).

Para isso, Kardec orienta-nos a primeiro conhecer aquele que desejamos ensinar sobre a existência dos Espíritos. Devemos assegurar-nos de sua opinião sobre a alma, ou seja, se crê na existência e sobrevivência da sua própria alma. Se nela se crê,

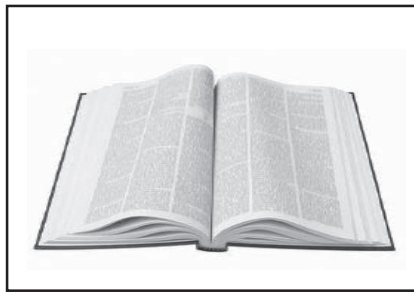
então fica fácil ensinar que os Espíritos nada mais são do que as almas dos homens que "morreram".

No caso dos incrédulos que não acreditam na existência da alma, Kardec sugere que identifiquemos que tipo de materialistas eles(as) se encaixam. O primeiro tipo é o incrédulo por sistema, onde a negação é absoluta, não havendo nenhuma dúvida de sua parte. Para esses, a única forma de diálogo é adentrar o

Sendo os Espíritos simplesmente as almas dos homens, o verdadeiro ponto de partida é então a existência da alma



ESTUDO



... todo Centro Espírita sério oferecerá o estudo da Doutrina Espírita

terreno deles e mostrar que "... as leis da Fisiologia não podem explicar tudo: o resto virá depois." (ítem 21, Livro dos Médiuns). Será útil insistir com um incrédulo que nega sistematicamente? Kardec diz que isso depende de cada caso, mas que "Muitas vezes, nossa insistência em persuadí-lo o leva a crer na sua importância pessoal, o que é uma razão para mais se obstinar." (ítem 30).

A segunda classe de materialistas, que Kardec considera "... muito mais numerosa, compreende os que o são por indiferença, e podemos dizer por falta de coisa melhor." (ítem 21). Para eles, Kardec diz que "Tão logo lhes apresenteis alguma coisa de racional, eles a aceitarão com ardor."

Segundo Kardec, a maioria das

pessoas é convencida através do raciocínio. Não é possível proceder ao ensino do Espiritismo como se faz nas ciências ordinárias, pois as inteligências desencarnadas não estão sujeitas aos nossos caprichos. Para evitar inconvenientes, devido ao livre-arbítrio dos Espíritos, basta começar o ensino do Espiritismo pela teoria. "... afirmamos que o melhor método de ensino espírita é o que se dirige à razão e não aos olhos." (Kardec, ítem 31). Kardec acrescenta no ítem 32: "Acentuamos sempre que os que crêem sem ter visto, porque leram e compreenderam, ao invés de superficiais são os mais ponderados.".

É por essas razões que todo Centro Espírita sério oferecerá ao visi-

tante e frequentador o estudo da Doutrina Espírita antes de introduzi-lo em qualquer atividade mediúnica, pois, "A compreensão prévia dos fatos torna-as capazes de perceber todas as dificuldades, mas também de captar uma infinidade de pormenores, de nuances quase sempre muito sutis, que serão para elas elementos de convicção e que escapam ao observador ignorante." (ítem 34). E, para concluir, Kardec afirma que "São esses os motivos que nos levam a só admitir em nossas sessões experimentais pessoas suficientemente preparadas para compreender o que se passa, pois sabemos que as outras não aproveitariam o tempo e o nosso não seria tão útil." (ítem 34, grifos, em negrito, nossos).

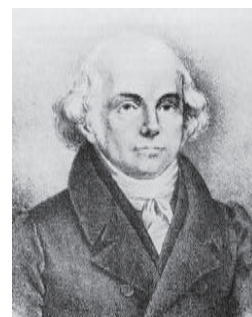
Em conclusão, temos aqui apresentado de modo simples pelo codificador, como procedermos para divulgarmos com eficiência a mensagem do Espiritismo. Não nos preocupemos com fenômenos e aparências, mas com o conteúdo doutrinário. Este último requer a nossa dedicação no estudo das obras básicas, que todo Centro Espírita sério oferecerá aos que procuram o Espiritismo. ■

Referências:

[1] A. Kardec, O Livro dos Médiuns, 1ª Edição, Edições FEESP (1984).

Samuel Christian Friedrich Hahnemann

por Leandro Camargo - Hortolândia/SP



Samuel Christian Friedrich Hahnemann, nascido a 10.04.1755 em Meissen na Saxônia. Desencarnou a 02.07.1843, portanto, com 88 anos de idade. Estudou medicina em Leipzig e Viena (Áustria), tornando-se docente na universidade daquela cidade, cursando especialização em Viena.

Em 1835, após ser médico do duque Anhalt Kothén durante 14 anos, radicou-se definitivamente em Paris.

Desenvolveu a doutrina da homeopatia sofrendo severas críticas, especialmente de amigos e farmacêuticos. Obteve amplo reconhecimento somente em Paris.

Tal desenvolvimento se deu com a observação de Hahnemann sobre determinadas drogas que produziam em um organismo sadio, sintomas semelhantes aos que se busca curar nos doentes.

A partir desta observação, Hahnemann passou a efetuar experiências nele mesmo, depois com amigos, concluindo por criar o sistema homeopático, que se resume na locução "similia similibus curantur" ou princípio da similitude, por extensão, "sintomas semelhantes são curados por remédios semelhantes".

Em 1810 vem à tona a principal obra de Hahnemann, "Organon der rationellen Heilkunst" (Sistema de

medicina racional), em que explica seu sistema e dá o nome de homeopatia. No ano seguinte, em seis volumes, expõe detalhadamente as experiências realizadas em várias pessoas sadias, no seu livro "Reine Arzneimittellehre" (teoria dos remédios puros).



HAHNEMANN E O ESPIRITISMO

A personalidade acima destacada teve pelo menos duas mensagens acolhidas por Allan Kardec, uma em O Evangelho Segundo o Espiritismo, capítulo IX, intitulada: "Bem-aventurados os que são brandos e pacíficos", outra na Revista Espírita, em agosto de 1863, denominada "A medicina homeopática".

Versa a primeira sobre aqueles que procuram inculcar o corpo físico pelos seus acessos de cólera. "O corpo - assinala Hahnemann - não dá cólera àquele que não tem, do

mesmo modo que não dá os outros vícios. Todas as virtudes e os vícios são inerentes ao Espírito. Se não fosse assim, onde estariam o mérito e a responsabilidade?"

A segunda foi intercambiada pela Sra. Costel em 13.03.1863, na Sociedade Espírita de Paris. Hahnemann proclama nesta mensagem a necessidade de absoluta pureza doutrinária na prática da medicina criada por ele, e prevê que a Doutrina Espírita seria poderosa aliada da Homeopatia.

CONCLUSÃO

Eis uma sucinta biografia de um espírito de escol. Alma que vem se dedicando no passar de suas encarnações, trazendo alívio e progresso à humanidade, a medicina homeopática, seja com suas instruções, como visto.

Finaliza-se com as palavras do próprio Hahnemann na Revista Espírita: "mas eu me deixo arrastar por meu assunto e eis-me sobre a rampa de dar um curso de homeopatia a um auditório que não pode interessar-se pela questão. Entretanto não julgo inútil iniciar os Espíritas aos princípios fundamentais da ciência, a fim de os presumir contra as decepções que possam sofrer, quer da parte dos homens ou mesmo dos Espíritos".

Vivinho da Silva!

por Teddy Nilson

Uma jovem, que freqüentava um dos cursos da nossa Casa Espírita, veio nos contar da pressão que estava sofrendo por parte de seus familiares para que abandonasse o Espiritismo, por ser uma doutrina de mentiras, falsidades e más sugestões e que, talvez, até tivesse ligação com o “tinhoso”. A família, que antes não se incomodava com a crença da jovem, passou a fiscalizá-la, dificultando sua ida ao Centro.

Perguntei-lhe qual era o motivo de proibição tão ferrenha e repentina; ela passou a me contar que há mais ou menos um ano, um primo seu viajara para um outro estado do Brasil, a serviço da firma na qual trabalhava. Essa viagem estava prevista para durar duas semanas; no entanto, os dias e as semanas foram passando e nada do primo retornar. Os pais desesperados procuraram saber o que havia acontecido para tanta demora, sem nada conseguir, pois a firma também já havia efetuado buscas rigorosas por intermédio da filial daquele estado.

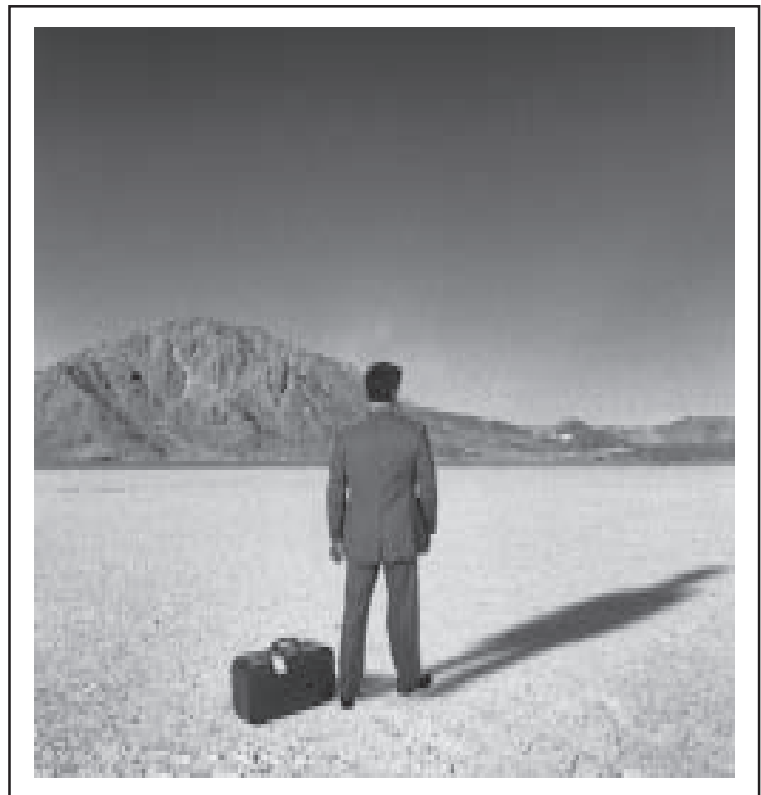
Buscaram ajuda dos parentes e amigos e até a polícia foi acionada sem que um indício ou uma informação qualquer viesse lhes dar esperanças de rever o filho. Esgotados todos os recursos, buscaram auxílio através de uma senhora médium que realizava sessões mediúnicas em sua

casa. Essa médium, além das sessões, também atendia consultas mediunizadas. Seu guia era especialista em encontrar pessoas e objetos perdidos, apressar a divisão e recebimento de heranças, fazer e desfazer casamentos, vendas e compras de imóveis, enfim, eram tantas as pos-

sibilidades desse guia, que a cada dia a fila de necessitados e, principalmente, ambiciosos e curiosos aumentava assustadoramente.

Não tendo mais a quem recorrer, os pais do jovem desaparecido não mediram esforços e também entraram na fila cheios de ânimo,

...os pais do jovem desaparecido não mediram esforços para obter alguma informação



para obter alguma informação, mesmo que fosse a mais terrível, aquela que aniquilaria suas esperanças: o filho morto. E foi o que aterrorizados ouviram diretamente do espírito que se dizia guia da médium. Acreditaram piamente naquilo que tinham ouvido e, passado algum tempo daquele terrível choque, resolveram freqüentar aquela sessão no sentido de receber algum consolo e, quem sabe, até uma comunicação do filho querido.

Por várias vezes os médiuns videntes, que trabalhavam junto daquela médium, afirmaram terem visto o filho desencarnado, abraçando os pais que se comoveram até as lágrimas.

Passadas mais algumas semanas, chegaram ao auge da satisfação, ouvindo a comunicação do saudoso filho. Assim, o tempo foi passando e de vez em quando vinha através da vidência a afirmação de que o filho estava bem e presente na reunião e, de quando em quando, uma comunicação cheia de saudade e de carinho. A dor e a saudade já estavam sendo amenizados e não deixavam de agradecer a Deus a benção do consolo recebido através daquela sessão.

Até que, numa madrugada fria e chuvosa, alguém tocou a campainha de forma bastante insistente. O casal acordou assustado e quando abriu a porta, não podia acreditar naquilo que seus olhos viam, pois ali estava, na frente deles, o querido filho, "ex-desencarnado"... "vivilho da silva"!

Após, abraços, beijos e lágrimas, o rapaz foi interrogado do por quê do desaparecimento e ele narrou com detalhes sobre o acidente que

sofrera durante a viagem que resultou numa crise de amnésia por muitos meses; mas, assim que se sentiu recuperado, voltou para casa. A boa e feliz notícia foi transmitida a todos os parentes e amigos, sem deixar de lado a crítica mordaz sobre a grande farsa que é o Espiritismo. Daí então, originou-se a ferrenha proibição da jovem freqüentar nossos cursos.

Imaginemos agora, após a alegria de reverem o filho vivo, o desencanto, a frustração e até o rancor em serem enganados impiedosamente. Que doutrina era aquela que brin-

do próprio lar por não possuir ambiente adequado para tal procedimento; por não existir ali o devido preparo, o ambiente fica impregnado de energias negativas, colocando em risco a saúde física e psíquica dos que ali residem.

As pessoas, tanto médiuns como freqüentadores, sem o devido preparo, atraem para junto de si, espíritos menos esclarecidos que acabam por fanatizá-los e obsedá-los, forjando informações, sem qualquer consideração para com quem vêm em busca delas.

Assim, os médiuns são sempre

Os médiuns são sempre responsáveis pelas comunicações dadas por seu intermédio

cava com os sentimentos alheios?

Uma análise criteriosa cabe nesse caso para que possamos apontar, baseados nos ensinamentos de Kardec, todos os inconvenientes de uma reunião sem o devido preparo, através de médiuns avessos ao estudo. Não podemos e não devemos afirmar que uma reunião é espírita só porque ali ocorrem fenômenos mediúnicos. Tais fenômenos sempre existiram e ocorrem dentro de qualquer religião, embora com nomes diferentes, e até fora delas.

A mediunidade não foi criada pelo Espiritismo, portanto, não é propriedade dele. O Espiritismo a utiliza por ser um fenômeno natural emprestado por Deus, visando o benefício geral. Não é aconselhável realizar reuniões mediúnicas dentro

responsáveis pelas comunicações dadas por seu intermédio, mesmo quando sua mediunidade é sonambúlica, inconsciente, porque em espírito ele está consciente e pode fiscalizar a comunicação, não permitindo que o comunicante despreze o ambiente com palavras indecorosas e diga inverdades para os presentes.

Os médiuns videntes possuem o mesmo tipo de responsabilidade, por isso, devem estudar para se esclarecer e merecer uma boa assistência espiritual, para que possam interpretar bem aquilo que lhes é mostrado. Fora dessa condição, o vidente jamais poderá fazer uso de sua faculdade corretamente, como no caso do jovem desaparecido. Determinadas comunicações e vidências, muitas vezes, ao invés de



Os médiuns sem esclarecimento podem ser vítimas de fraude

auxiliar, acabam por lançar a descrença ante os erros e absurdos que presenciarem numa reunião mal orientada. O contrário também pode acontecer: as pessoas se fanatizarem, se não forem capazes de perceber as incoerências e equívocos, dando crédito a tudo.

Os médiuns sem esclarecimento, de faculdade não educada, podem ser vítimas de desgaste, de sugestão e até da fraude, fingindo que estão dando comunicações ou vendo espíritos sem que estejam acontecendo realmente.

A mediunidade é concedida para auxiliar a evolução das criaturas, para ajudar o próximo necessitado, seja ele encarnado ou desencarnado, por isso deve ser amada, estudada e respeitada.

Poderíamos comparar a mediunidade a um talento da parábola contada por Jesus. Depende de nós a multiplicação desse talento através do consolo, esclarecimento e tudo que vier através dos fenômenos em benefício do próximo. Se enterrarmos esse talento, utilizando-o em benefício próprio, comercializando-o a fim de aumentar a renda financeira, estaremos construindo um futuro de enormes sofrimentos.

No Evangelho Segundo Espiritismo, capítulo XXI, item b, encontramos o seguinte ensinamento: "Caríssimos, não acrediteis em todos os espíritos, mas provai se os espíritos são de Deus, porque são muitos os falsos profetas que se tem levantado no mundo." (João, Epístola I, capítulo IV:1)

Este ensinamento de João, tão claro e profundo, vem alertar que os espíritos estão em toda parte e são atraídos de acordo com o tipo de pensamento e ação dos encarnados. Quando nossa moral está deficiente, atraímos espíritos orgulhosos que, fingindo amor e caridade, promovem a desunião e retardam a nossa evolução.

Diz no Evangelho que eles que "semeiam os germes das discórdias entre os grupos, que os levam a isolar-se uns aos outros e a se olharem com prevenções. (...) São, geralmente, espíritos sedentos de poder, que tendo sido dispostos no lar ou na vida pública, quando vivos, ainda querem vítimas para tiranizar depois da morte."

Por esse motivo, devemos nos precaver, através do estudo e da boa moral para podermos reconhecer os trabalhos mal orientados, a fim de que não sejamos enganados pelos espíritos que visam o mal de seus semelhantes. No dizer de João, espíritos de Deus são aqueles que respeitam as leis Divinas, são bondosos, amam e beneficiam o próximo. Antigamente, os médiuns eram conhecidos como profetas, dentre os quais existiam os bons que auxiliavam, davam conselhos, orientações e até proporcionavam curas ao próximo; ao lado dos maus, que somente buscavam elogios, agrados e recompensas materiais.

Devemos sempre evitar os perigos do intercâmbio mal dirigido e isto só é possível através do estudo das obras de Kardec e da prática das boas ações que é produto desse esforço e fé raciocinada que ele nos oferece.

Quem foi Tiago?

por Leandro Camargo - Hortolândia/SP



A Bíblia, como sabemos, possui inúmeros livros. No Novo Testamento existem diversos livros intitulados Epístolas. Uma delas é a Epístola Universal de Tiago, porém, a Bíblia faz menção a diversos Tiagos, 4 para ser mais exato, sendo curioso investigar quem é o autor da Epístola Universal de Tiago?

Um dos Tiagos era o pai de Judas, não o de Iscariotes (o apóstolo), sendo que a única referência a seu nome é feita em Lucas 6:16. Este, com toda certeza não foi o autor da epístola e sim um personagem citado pelas circunstâncias do referido relato bíblico, não exercendo maiores influências.

acontecimento que se deu por volta do ano de 42 e 44 d.C. quando Herodes Agripa I, neto de Herodes, o Grande, ordenou que fosse morto pela espada nas cercanias de Jerusalém (Atos 12:2).

O já citado, Tiago "Menor", era filho de Alfeu, sendo que encontramos referências a seu nome em Mateus 10:3 e Marcos 3:18. Pouca coisa se falou a seu respeito. O adjetivo "Menor", talvez se dê por sua baixa estatura em relação ao "Maior". Há indícios que indiquem ser irmão de Mateus, o apóstolo (Marcos 2:4).

Quanto ao autor da epístola, é mais provável seja um irmão biológico

de Jesus a ele, oito dias após a crucificação (I Coríntios 15:7). Tinha o apelido de o "Justo", devido a sua santidade e pureza de vida. Era considerado como "coluna" da Igreja (Gálatas 1:19). Exerceu importante papel na Igreja primitiva.

Consoante a tradição cristã, sua morte foi a de um mártir. Por volta do ano 63 d.C., os judeus ordenaram que ele proclamasse, de uma das galerias do templo, que Jesus de Nazaré não era o Messias. Ao invés de obedecer à ordem, anunciou à multidão que Cristo era o Filho de Deus, o Messias prometido. Então seus adversários o lançaram ao chão e o açoitaram, não sendo o bastante para sua morte que acabou por acontecer através de apedrejamento, enquanto ele orava por seus algozes.

Eis aí, em síntese, o provável autor da Epístola Universal de Tiago, irmão biológico de Jesus, com certeza um mártir do cristianismo primitivo e um dos principais divulgadores do Evangelho nascente.

O momento exato da conversão de Tiago não é possível firmar

Outro Tiago é o denominado como "Maior", visando esse adjetivo diferenciá-lo de outro Tiago, o "Menor". Era o irmão mais velho de João Evangelista, autor do livro Apocalipse; filho de Zebedeu e Salomé (Mateus 4:21); nasceu em Betsaida da Galiléia; exercia o ofício de pescador; foi testemunha de muitos prodígios efetuados por Jesus; um dos primeiros apóstolos e foi o primeiro a ser martirizado,

irmão de Jesus, também chamado Tiago, e citado na Bíblia como "irmão do Senhor". Importante figura nos tempos imediatos à desencarnação do Cristo (Atos 12:17; 15:13; 21:18). À semelhança dos demais "irmãos do Senhor", não acreditavam em Jesus, enquanto encarnado, mas após seu desencarne passou a fazê-lo. O momento exato da conversão de Tiago não é possível firmar, contudo, pode

Bibliografia:

Lamartine Palhano Jr. - A Carta de Tiago - pp. 21/26 - 1ª edição - Ed. Fráter.
Tradução de João Ferreira de Almeida - A Bíblia Sagrada - 64ª Impressão.

Uma Reflexão sobre a Eutanásia

por Adriana Levantesi - Campinas/SP



A eutanásia é tema que desperta muito a curiosidade humana, bem como o posicionamento da religião, da ciência e da lei, assim, a fim de introduzir a reflexão espírita sobre este assunto trazemos à lume, inicialmente, dois casos verídicos de eutanásia, um ocorrido em setembro de 2003 e outro recentemente em março de 2005. O primeiro serviu de fundo para a matéria reproduzida a seguir, extraída do Jornal Espírita Alavanca nº 493, julho 2004, ano 47 (Campinas/SP) e complementada para a Revista FidelidadEspírita.

Relato 01

Vincent Humbert, um jovem bombeiro voluntário de 20 anos, sofreu, em 24 de setembro de 2000, um acidente automobilístico em uma estrada francesa, em virtude do qual passou nove meses em coma, e posteriormente ficou tetraplégico, mudo e quase cego. Internado em Berck-sur-Mer, norte da França, comunicava-se movimentando levemente o polegar direito na mão de seu interlocutor, cada pressão diferente correspondia a uma letra do alfabeto, essas letras formavam palavras e as palavras frases.

Na manhã de 27 de setembro de 2003, aos 23 anos, Vincent morreu depois que sua mãe, Marie Humbert, 48 anos, injetou barbitúricos na sonda intravenosa de seu filho. Após a injeção, Vincent entrou em coma profundo e seu pai solicitou aos médicos que parassem de lutar contra a morte do filho.

Vincent desejava morrer; chegou a escrever uma carta ao Presidente da França, Jacques Chirac, pedindo a descriminalização da eutanásia naquele país, o que acabou abrindo as portas para a retomada da discussão deste assunto na legislação francesa. Apesar das suas limitações físicas, Vincent escreveu um livro: "Peço a você para morrer", cuja publicação planejou para que coincidissem com sua morte.



Relato 02

Há 15 anos o cérebro da americana Terri Schiavo, 41 anos, sofreu graves danos porque seu coração parou de bater por alguns minutos, provavelmente devido a uma parada cardíaca causada por deficiência de potássio. Seu córtex cerebral ficou destruído, o que, até onde a medicina contemporânea consegue afirmar, não lhe permite nenhum tipo de consciência. Desde então ela se encontra no que os médicos chamam de estado vegetativo persistente, a expressão médica significa que ela era incapaz de pensar, de ter emoções ou lembranças e de fazer movimentos voluntários.

Terri era mantida viva artificialmente e recebia alimentação por meio de um tubo inserido em seu estômago. Ela foi motivo de uma das mais polêmicas disputas judiciais nos Estados Unidos, travada entre seus pais, Bob e Mary Schindler, e seu marido Michael; disputa esta que envolveu o Congresso dos Estados Unidos e o presidente George W. Bush.

Michael afirma que a mulher dissera repetidas vezes, antes de entrar em estado vegetativo, que não gostaria que sua vida fosse mantida artificialmente, e também defendia a posição dos médicos, que diziam ser irreversível o estado de saúde de Terri.

Já Bob e Mary Schindler afirmavam que ela teria um estado menos grave de dano cerebral, denominado "estado de consciência mínima", e defenderam sua sobrevi-



vência até o último recurso possível à Suprema Corte americana.

Em 13.03.05 Terri Schiavo faleceu. Conforme decisão judicial, foi retirado o tubo que a alimentava, assim ela não conseguia mais ingerir alimentos ou água via oral. Seu processo de morte durou duas semanas e ela morreu de desidratação, não havia sinais de ataque cardíaco, nem a presença de drogas que pudessem acelerar sua morte.

Definição

O termo eutanásia vem do grego e pode ser traduzido como "boa morte" ou "morte apropriada" (prefixo eu = beleza + sufixo tanatos = morte) e foi proposto pelo Chanceler inglês Sir Francis Bacon (1561-1626), em 1632, em sua obra "História da Vida e da Morte". Bacon sustentou que, nas enfermidades incuráveis, era atitude humana e necessária dar uma boa morte e abolir o sofrimento dos enfermos.

Atualmente a eutanásia é entendida, nas ciências humanas, como morte misericordiosa ou piedosa; diz respeito aos casos de enfermidades incuráveis ou muito penosas. É

aplicada a fim de suprimir a agonia demasiada longa e dolorosa, inspira compaixão pelo doente.

A eutanásia pode ser classificada de acordo com a presença ou não

A eutanásia é entendida, nas ciências humanas, como morte misericordiosa ou piedosa

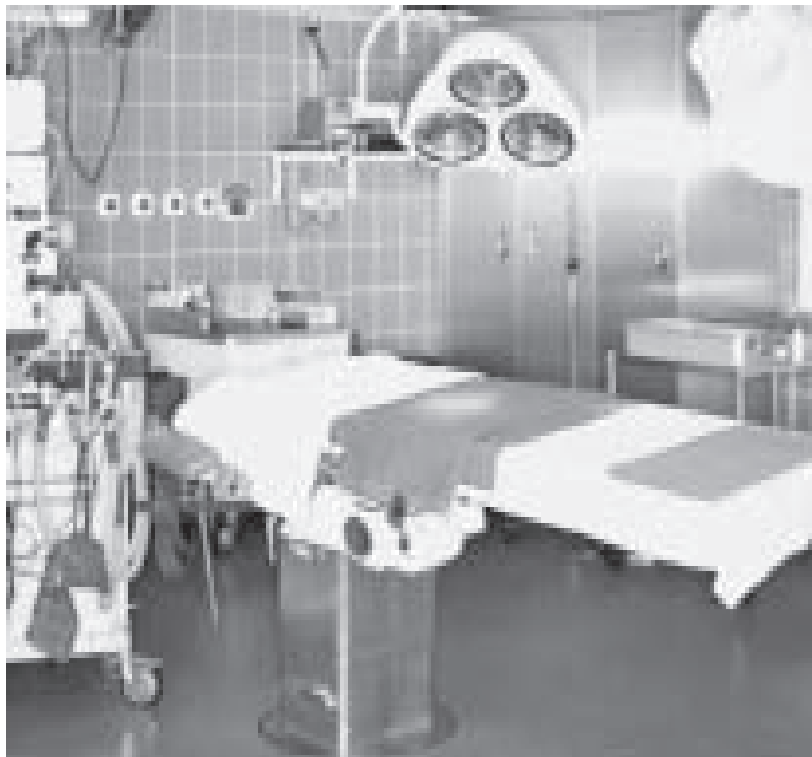
do consentimento da pessoa em: voluntária se realizada em resposta ao pedido do enfermo; imposta, provocada ou piedosa se o médico ou familiar põe termo à agonia do paciente, sem que se quer tenha obtido o consentimento dele, porque não era possível fazê-lo ou porque não houve a consulta.

Segundo o meio pelo qual é realizada a eutanásia é ativa ou passiva (ortonásia). Na primeira, o agente ministra substância capaz de provocar a morte instantânea e indolor; na segunda, conhecida como

ortonásia, a vida do paciente deixa de ser prolongada pela negação ou retirada dos meios de nutrição ou outros procedimentos artificiais que poderiam prolongar sua vida, como no caso de Terri Schiavo.

Vale ressaltar a diferença entre a eutanásia e o suicídio assistido, neste o médico apenas prescreve uma dose letal de barbitúricos em resposta ao pedido do paciente, com conhecimento de que a medicação será usada para cometer suicídio e o próprio paciente auto-administra a droga; na eutanásia o último ato é do médico.

O Código de Ética Médica veda ao médico a utilização de meios destinados a abreviar a vida do paciente



Legislação

A morte eutanásica é vista com cautela pelas legislações, pouquíssimos países se posicionaram expressamente a seu respeito, na maioria das vezes leis a eutanásia está compreendida nos preceitos atinentes ao homicídio, a pedido ou com o consentimento da vítima e, geralmente há previsão de abrandamento ou atenuante da pena assinalada ao homicídio comum, isenção total da sanção ao homicídio cometido por compaixão a pedido da vítima, ou ainda possibilidade de concessão de perdão pelo juiz ao profissional envolvido, ou seja, a pena deixa de ser aplicada, reconhecendo-se uma causa de extinção da punibilidade.

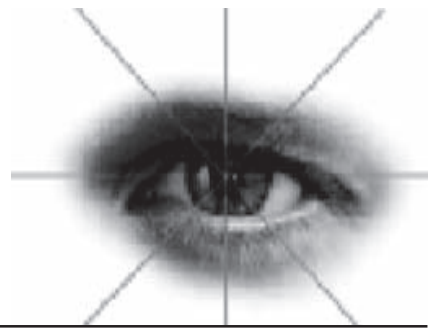
No Código Penal brasileiro (1940), o suicídio em si não é crime, o direito positivo pune o terceiro que auxilia, induz ou instiga a vítima a cometer tal ato. Especificamente a legislação pátria trata o homicídio eutanásico como crime privilegiado, consagrando, assim, o princípio da sacralidade da vida: "se o agente comete o crime impelido por motivo de relevante valor social ou moral ou sob o domínio de violenta emoção, logo em seguida à injusta provocação da vítima, o juiz pode reduzir a pena de 1/6 a 1/3." (artigo 121, § 1º do Código Penal).



O novo projeto da parte especial do Código Penal traz alteração significativa no referido artigo 121, com seu novo parágrafo 3º, aduz em relação a eutanásia passiva ou ortonásia: "Não constitui crime deixar de manter a vida de alguém por meio artificial se previamente atestada por dois médicos a morte como iminente e inevitável, e desde que haja consentimento do doente ou, na sua impossibilidade, de ascendente, descendente, cônjuge ou irmão."

O Código de Ética Médica em seu artigo 66, é bastante claro quando veda ao médico a utilização, em qualquer caso, de meios destinados a abreviar a vida do paciente, ainda que a pedido deste ou de seu responsável legal.

Por derradeiro, vale ressaltar que em abril de 2001 a Holanda se tornou o primeiro país do mundo onde a eutanásia é legal (muitos países a toleram, mas nunca chegaram a legalizá-la), dando aos pacientes terminais o direito de decidir se querem ou não continuar vivendo; médicos não serão mais processados por provocar mortes desde que respeitem os procedimentos legais, cada pedido de eutanásia será analisado por um comitê composto por médicos e advogados.



VISÃO ESPÍRITA

por Allan Kardec

O quadro de um doente nas condições de Vincent Humbert, ou de Terri, por exemplo, sob o ponto de vista meramente materialista, parece realmente inútil, é apenas fonte geradora de dor e sofrimento para aquele que

te do desespero, da miséria ou da morte inevitável, "sempre se é culpado por não esperar o termo fixado por Deus" (questão 953 do LE). E aqueles que conduzirem o doente a este ato responderão por homicídio.

A interrupção da vida antes do tempo previsto por Deus tão somente multiplicará os padecimentos

padece e sua família. Não seria nem justo prolongar tal situação. Todavia, tal quadro à luz do entendimento espírita revela preciosos ensinamentos, tais como a valorização da vida, provas, testemunhos, expiações e resignação. Vejamos.

Na obra primeira da Codificação, os imortais já deixam claro que o homem não tem o direito de dispor da própria vida, quem o faz transgride a lei e terá que recompor futuramente.

O suicídio não é justificável em hipótese alguma, nem dian-

Pela doutrina espírita sabemos que nenhum sofrimento é em vão, há sempre um fundamento moral para tudo, seja prova, expiação ou um testemunho. A agonia prolongada pode ter finalidade preciosa para a alma, a moléstia incurável pode ser como uma válvula de escoamento das imperfeições do espírito e as privações do corpo físico um caminho escolhido para a necessária sublimação e redenção de faltas cometidas.

A interrupção da vida antes do tempo previsto por Deus tão somente multiplicará os pade-

cimentos, sujeitando a uma expiação proporcional à gravidade da falta cometida.

Sabemos que, não obstante o desfalecimento do corpo físico, o espírito se eleva tentando cumprir seu planejamento, procurando progredir e que "ante o catre da enfermidade mais insidiosa e mais dura, brilha o socorro da Infinita Bondade facilitando, a quem deve, a conqui-

ta da quitação." (Emmanuel. A Religião dos Espíritos, pág. 59).

"Um homem está agonizante, vítima de cruéis sofrimentos; sabe-se que seu estado é desesperador; é permitido poupar-lhe alguns instantes de angústia, apressando-lhe o fim? Pergunta Allan Kardec em O Evangelho Segundo o Espiritismo. A resposta fornecida pelo Espírito São Luis (Paris, 1860)

é uma orientação para a ciência, ética e moral: "Quem, pois, vos daria o direito de prejudicar os desígnios de Deus? Não pode ele conduzir um homem à borda do fosso para daí o retirar, a fim de fazê-lo retornar a si mesmo e de o conduzir a outros pensamentos? Em qualquer extremo que esteja um moribundo, ninguém pode dizer com certeza que a sua última hora chegou. A Ciência jamais se enganou em suas previsões?

Sei muito bem que há casos aos quais se pode considerar, com razão, como desesperadores; mas se não há nenhuma esperança fundada de um retorno definitivo à vida e à saúde, não existem inumeráveis exemplos em que, no momento de dar o último suspiro, o doente se reanima e recobra suas faculdades por alguns instantes? Pois bem! Essa hora de graça que lhe é concedida, pode ser para ele da maior importância, porque ignorais as reflexões que poderia fazer seu Espírito nas convulsões da agonia, e quantos tormentos pode lhe poupar um relâmpago de arrependimento.

O materialista, que não vê senão o corpo e não considera a alma, não pode compreender essas coisas; mas o espírito, que sabe o que se passa além do túmulo, conhece o valor do último pensamento. Abrandai os últimos sofrimentos quanto esteja em vós; mas guardai-vos de

O espírita, que sabe o que se passa além do túmulo, conhece o valor do último pensamento



abreviar a vida, não fosse senão de um minuto, porque esse minuto pode poupar muitas lágrimas no futuro." (E. S. Cap. V, item 28).

Em interessante entrevista sobre o tema em epígrafe, Richard Simonetti, indagado sobre a legislação holandesa, que admiti a eutanásia, afirmou que: "à medida que as coletividades evoluem, a legislação humana tende a assimilar a legislação divina, consubstanciada nos dez mandamentos de Moisés, onde está o que não devemos fazer (não matar, por exemplo), e nas lições de Jesus, que enfatizam o respeito à vida. Se uma sociedade afasta-se dessa orientação, entra na contramão desse processo, com conseqüências funestas. O legislador que apoiou essa lei, tanto quanto os médicos que lhe dão cumprimento, as famílias que a aprovam e os pacientes que se submetem, terão problemas" (Simonetti, Richard. Não me segurem!. Revista Internacional de Espiritismo. Abril 2001)

Àqueles que lutam pela legalização da eutanásia recomenda-se a lição de Emmanuel: "Não desrespeites, assim, quem se imobiliza na cruz horizontal da doença prolongada e difícil, administrando-lhe o veneno da morte suave, porquanto, provavelmente, conhecerás também mais tarde o proveitoso decúbito indispensável à grande

meditação" (A Religião dos Espíritos, pág. 60).

A visão materialista leva a uma conclusão falaciosa acerca da eutanásia, ao deduzir ser esta um ato de piedade. O entendimento espírita, por sua vez, esclarece que a morte não é o fim, o espírito vive e seu objetivo precípua é progredir, sendo cada existência corpórea o resultado das fases anteriores desse processo evolutivo; por enquanto ainda não é possível, plano físico, calcular a importância de alguns momentos ou dias para o espírito que se encontra, temporariamente, num corpo doente.

Relato 3

A fim ilustrar o ensinamento dos espíritos superiores pincelados acima e a pequenês do homem diante dos desígnios divinos, vejamos, para finalizar, uma outra história:

Terry Wallis (Arkansas, EUA), 39 anos, envolveu-se num acidente de carro em julho de 1984, quando o veículo caiu de um penhasco. Foi encontrado em coma e assim permaneceu por 19 anos. Durante todo esse tempo, a família levou Terry a festas e viagens.

Em 12 de junho de 2003, Terry Wallis pronunciou a primeira palavra "mamãe" e tem melhorado deste então, conheceu sua filha Amber, que nasceu pouco depois do acidente. Ele está tetraplégico e deseja voltar a andar por causa de Amber. ■

Fontes:

- site: www.feparana.com.br
 XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo/LUIZ, André. *Sexo e Destino*. Feb. Rio de Janeiro, 1.989.
 XAVIER, Francisco Cândido/LUIZ, André. *Sinal Verde*. Feb. Rio de Janeiro.
 BASTOS, Antônio Francisco; Palhares, Fortunato Badan e Monteiro, Antônio Carlos Cesaroni. *Medicina Legal para não legistas*. Copola, Campinas, 1998.
 XAVIER, Francisco Cândido/EMMANUEL. *O Consolador*. Feb. Rio de Janeiro, 2003.
 XAVIER, Francisco Cândido/EMMANUEL. *A Religião dos Espíritos*. Feb. Rio de Janeiro, 2002.
 XAVIER, Francisco Cândido/EMMANUEL. *Diálogo dos Vivos*. Feb. Rio de Janeiro.
 XAVIER, Francisco Cândido/EMMANUEL. *Alma e Coração*. Feb. Rio de Janeiro.
 KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. Item 953. IDE, 1.990.
 KARDE, Allan. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Cap. V item 28. IDE, 2000.
 PALHANO, Jr. Lamartine. *Dicionário de Filosofia Espírita*. Edições Celd. Rio de Janeiro, 1.990.
 SIMONETTI, Richard. *Não me segurem!*. Revista Internacional de Espiritismo, abril 2001.
 LEVANTESI, Adriana. *Uma Reflexão Espírita sobre a Eutanásia*. Jornal Espírita Alavanca, nº 493, julho 2004.

“Calcinha vermelha” no Centro Espírita!

da Redação

Aproveitando o 08.12.2005 (feriado em nossa cidade) reunimos a equipe fidelidadESPÍRITA para “Um dia de redação”. Nessas reuniões o material da revista é produzido e selecionado.

Após leitura da pauta e separação dos temas, cada redator ocupou-se com um dos vários computadores para a produção de textos.

Olhava para a minha tela pedindo a Jesus que me ajudasse na elaboração de alguma coisa útil. Nesse ínterim tocou o telefone do Centro. Atendi saudando:

- “Nosso Lar”, muito bom dia!
- Alô! Aí é um Centro Espírita?
- Sim! Em que posso ajudar?
- Vocês benzem roupa?
- Não! Fazemos algo melhor!
- O que?



- Ensinamos Doutrina Espírita!
- Ah! Não! Eu só queria um benzimento. Sabe o que é, eu e meu marido ganhamos algumas peças íntimas vermelhas e, desde então, todos estamos passando mal. Já joguei sal grosso, água benta, rezei o credo, e nada!

Disseram-me que no Centro Espírita tudo seria resolvido. O se-

O benzimento foi, e ainda é, prática muito comum em nosso país



nhor poderia benzer minhas calcinhas?

-Talvez que o leitor não acredite no acontecido, mas, é expressão da verdade. A senhora estava bastante aflita e desejava uma solução imediata.

Qualquer trabalhador de Casa Espírita sabe o quanto ocorrências como essa são comuns. Na realidade, o povo desconhece o Espiritismo.

O benzimento foi, e ainda é, prática muito comum em nosso país. Parece que as pessoas estão mais interessadas em se livrarem dos seus problemas do que conhecerem uma doutrina religiosa que lhes ensinem as verdades espirituais, ajudando-as a viverem melhor.

Afinal o que é benzimento?

[Do lat. *benedicere*.]

Verbo transitivo direto.

1.Fazer o sinal-da-cruz sobre (pessoa ou coisa), recitando certas fórmulas litúrgicas, para consagrá-la ao culto divino ou chamar sobre

ela o favor do Céu; abençoar.

2.Tornar próspero; coroar com bom resultado:

Que os Céus benzam os teus intentos!

Como se vê, em Espiritismo não existe benzimento, pois que não usamos formas mágicas, místicas ou

espírita para acolher, orientar e encaminhar o iniciante ao estudo doutrinário.

É lamentável observar o quanto de misticismo existe, ainda, no mundo. Temos uma doutrina filosófica de bases científicas e conseqüências morais religiosas que deve ser apresentada de maneira muito lúcida.

Em Espiritismo não existe benzimento, pois que não usamos formas mágicas, místicas ou cabalísticas

cabalísticas em nossos cultos. Apenas o pensamento e a vontade, como exemplificou Jesus na assistência que ofereceu ao povo sofredor.

Por isso, um Centro Espírita bem organizado doutrinariamente preocupar-se-á, de maneira primordial, com o esclarecimento doutrinário.

Cursos de Doutrina Espírita que informem e fortaleçam os adeptos na confiança racional das leis divinas; recepcionistas e entrevistadores, dignamente capacitados no saber

Dar independência espiritual àqueles que nos procuram, ensinando as verdades eternas é, talvez, a maior caridade aos que, livremente, desejam conhecer o Espiritismo.

O Senhor estende sua misericórdia a toda humanidade. Nenhum desprezo ou deboche aos que ainda não entenderam a essência do Espiritismo. Para conduzir as criaturas às verdades eternas Deus tem os seus caminhos, mesmo que a via seja uma calcinha vermelha!



Compreendendo a Escravidão Brasileira à Luz do Espiritismo

por Leandro Camargo - Hortolândia/SP

"Lei 3.353 de 13 de Maio de 1888 Declara Extinta a Escravidão no Brasil. A Princesa Imperial Regente, em nome de Sua Majestade o Imperador, o senhor D. Pedro II faz saber a todos os súditos do Império que a Assembléia Geral decretou e Ela sancionou a Lei seguinte: Art. 1º - É declarada extinta desde a data desta lei a escravidão no Brasil. Art. 2º - Revogam-se as disposições em contrário. Manda portanto a todas as autoridades a quem o conhecimento e execução da referida Lei pertencer, que a cumpram e a façam cumprir e guardar tão inteiramente como nela se contém. Dada no palácio do Rio de Janeiro, em 13 de Maio de 1888, 67 da Independência e do Império. Princesa Regente Imperial".



Princesa Isabel (1846-1921)

Este foi um dos mais importantes momentos históricos do Brasil, quando a Princesa Isabel libertou os negros escravos que, em 13 de maio de 2006, completará 118 anos.

A escravidão é um fenômeno antigo, sua presença já era notada nas sociedades "pálio-orientais". Marcou o Brasil. Levou consigo três séculos de humilhações e degradação da vida humana. O período foi de uma extrema desumanidade.

Compreender o contexto histórico, incluindo os dias atuais, e vislumbrar o que a Doutrina Espírita, especialmente em O Livro dos Espíritos nos informa, é ao que se propõe este artigo.

DADOS HISTÓRICOS

Muito se escreveu sobre este tema; aliás, este foi um dos preferidos da historiografia relativa ao Brasil, tamanha sua importância e complexidade, ao lado da Independência. No seio desta produção, inúmeras versões se coadunam, se combatem e se antagonizam, formando um quadro denso, que permite ao historiador se posicionar livremente dentre as inúmeras possibilidades de análise que foram trilhadas ao longo dos anos.

A história do Brasil sempre esteve de mãos dadas com a escravidão. Os portugueses ao che-

garem aqui, tentaram aprisionar o nativo (o índio), e tal ocorreu, muito embora esta prática não tenha sido bem-sucedida. O argumento de que ao indígena era inerente o "espírito de liberdade" é de todo falho, pois assim como é para o nativo, também o é para o negro, para o branco e para qualquer um. A escravização de indígenas não foi interessante por vários motivos. As tribos ao notarem as intenções dos europeus tornaram-se mais agressivas e arredias; houve uma dizimação das populações pela superexploração do trabalho; e acima de tudo, esta prática era um negócio interno da colônia, o que não era interessante para a Coroa portuguesa.

O aparelho governamental português ganhava muito com o tráfico de africanos, negócio comum e lucrativo desde meados do século XV. Sua importância é notada pela fundação das feitorias na costa da África, destinada a abastecer os navios com os negros apresados. Estes deveriam esperar pelo navio e não o contrário, pois isto seria desinteressante, dado o enorme custo com a viagem. O negro era o menor dos gastos, pois era capturado nas tribos e vendido a preços baixos. Seu encarecimento dava-se pelo transporte, uma vez que as viagens eram dispendiosas e perigosas. Com base nisto, explica-se também a enorme quantidade de negros que vinham amontoados nos porões dos navios negreiros. Há estudos que apontam uma contabilidade: para um navio que saía da África com duzentos negros, somente cinquenta deles estariam vivos no Brasil após qua-

tro anos de estadia. Somente na viagem, mais da metade perecia.

Ao chegarem aqui, ainda eram negociados e vendidos como mercadorias, começando então seu processo de "coisificação". Transformava-se o ser humano em um objeto animado, retornando o homem à sua bestialidade primeira, já há tanto perdida.

Vários eram os destinos dos cativos, que variavam desde o escravo doméstico, que poderiam fazer serviços leves, até o escravo de

ganho, que saíam à rua para vender os produtos de seu senhor, passando, neste ínterim, pelos escravos que trabalhavam na lavoura (o mais lembrado toda vez que tal termo é citado).

A presença do escravo no Brasil é inerente ao próprio sistema econômico implantado. Contudo, algumas considerações devem ser feitas. A utilização do escravo deveu-se principalmente à falta de um contingente populacional em Portugal capaz de dar conta da

Transformava-se o ser humano em um objeto animado, retornando o homem à sua bestialidade primeira





5,4 mil brasileiros eram vítimas de trabalho escravo em 2003

colonização e utilização destas terras. Deste modo, o escravo teve de ser feito e trazido ao Brasil por ser o elemento chave da produção.

A violência e a submissão sempre acompanharam estes personagens. Os relatos de espaçamentos, torturas, os "castigos exemplares", enfim, toda uma série de punições que se aplicavam ao escravo foram alvos de discussão.

Houve aqueles que tentaram encontrar na escravidão traços de benevolência e suavidade, e neste ponto podemos lembrar a obra de Gilberto Freyre, Casa Grande

& Senzala, um dos livros mais marcantes e inovadores na abordagem que fez da escravidão. Embora escrito da varanda da casa grande, o autor é um dos primeiros a descrever particularidades até aquele momento não discutidas, como a sexualidade dos cativos.

ATUALIDADE

O Brasil entrou para a história das Nações Unidas¹, como o primeiro País a reconhecer em uma reunião oficial da ONU a existência de "formas contemporâneas de

escravidão" em seu próprio território. O reconhecimento se deu durante o Comitê para a Eliminação da Discriminação Racial, que se reuniu para tratar exclusivamente da situação brasileira e apontar as dificuldades do mesmo em lidar com o problema do racismo. Para os representantes do governo em Genebra, existem "situações análogas à escravidão que atingem 25 mil pessoas" atualmente.

Segundo o embaixador brasileiro Tadeu Valadares, chefe da divisão de direitos humanos do Itamaraty, 5,4 mil brasileiros que eram vítimas de trabalho escravo em 2003 foram resgatados em ações do governo.

A entidade aponta que o trabalho escravo atingiria principalmente as áreas rurais, nas quais os trabalhadores são obrigados a assinar contratos ilegais com seus patrões.

DOCTRINA ESPÍRITA

No capítulo 10, da parte terceira de O Livro dos Espíritos, há uma abordagem direta sobre a escravidão (questões 829 a 832).

É cediço que o ser humano e conseqüentemente a própria sociedade estão em processo de evolução, uma vez que todos estamos submetidos à lei do progresso (questões 776 a 802). Desde os momentos primeiros da colonização brasileira até os dias atuais, a sociedade evoluiu (e evolui), e o progresso moral do ser humano tende, efetivamente, à abolição da mesma.

¹ Matéria de Jamil Chade pela Agência Estado em 09.03.2004.

É o que asseveraram os Espíritos da codificação: "829. Haverá homens que estejam, por natureza, destinados a ser propriedades de outros homens? É contrária à lei de Deus toda sujeição absoluta de um homem a outro homem. A escravidão é um abuso da força. Desaparece com o progresso, como gradativamente desaparecem todos os abusos."

Perfeita a colocação dos Espíritos ao relacionar a escravidão com a falta de evolução, o que ratifica outra afirmação dos mesmos, ao asseverar que o homem não detém a marcha do progresso (questão 781). O progresso é para todos, inevitavelmente.

Ainda quanto à escravidão os Espíritos da codificação ensinaram:

"830. Quando a escravidão faz parte dos costumes de um povo, são censuráveis os que dela aproveitam, embora só o façam conformando-se com um uso que lhes parece natural? O mal é sempre o mal e não há sofisma que faça se torne boa uma ação má. A responsabilidade, porém, do mal é rela-

tiva aos meios de que o homem dispõe para compreendê-lo. Aquele que tira proveito da lei da escravidão é sempre culpado de violação da lei da Natureza. Mas, aí, como em tudo, a culpabilidade é relativa. Tendo-se a escravidão introduzido aos costumes de certos povos, possível se tornou que, de boa-fé, o homem se aproveitasse dela como de uma coisa que lhe parecia natural. Entretanto, desde ▶

Perfeita a colocação dos Espíritos ao relacionar a escravidão com a falta de evolução



HISTÓRIA

que, mais desenvolvida e, sobretudo, esclarecida pelas luzes do Cristianismo, sua razão lhe mostrou que o escravo era um seu igual perante Deus, nenhuma desculpa mais ele tem."

"831. A desigualdade natural das aptidões não coloca certas ra-

dispor deles como de uma mercadoria, privando-os do direito de se pertencerem a si mesmos."

Infelizmente a escravidão ainda se faz presente em nossa sociedade. Não com senzalas e correntes nos pés, contudo, com explorações exacerbadas, ameaças e ou-

Mais ou menos puro não é o sangue, porém o Espírito

ças humanas sob a dependência das raças mais inteligentes? Sim, mas para que estas as elevem, não para embrutecê-las ainda mais pela escravização. Durante longo tempo, os homens consideram certas raças humanas como animais de trabalho, munidos de braços e mãos, e se julgaram com o direito de vender os dessas raças como bestas de carga. Consideram-se de sangue mais puro os que assim procedem. Insensatos! nada vêem senão a matéria. Mais ou menos puro não é o sangue, porém o Espírito".

"832. Há, no entanto, homens que tratam seus escravos com humanidade; que não deixam que lhes falte nada e acreditam que a liberdade os exporia a maiores privações. Que dizeis disso? Digo que esses compreendem melhor os seus interesses. Igual cuidado dispensam aos seus bois e cavalos, para que obtenham bom preço no mercado. Não são tão culpados quanto os que maltratam os escravos, mas, nem por isso deixam de

tros fatores, muito embora seja inegável ser casos restritos, compete a todos a busca de sua efetiva erradicação, que inevitavelmente virá, pois o progresso é para todos.

CONCLUSÃO

A escravidão é inerente à história brasileira, nossa história. Traz conseqüências até os dias atuais, como o racismo, a desigualdade social, etc. Existe em algumas sociedades, principalmente de forma obscura (inclusive no Brasil). A Doutrina Espírita elucidou-nos a questão afirmando ser característica da pouca evolução humana. Contudo, esta, notoriamente está sendo minimizada, como foi exemplificado com a Lei Áurea de 13.05.1888, tudo em atendimento à lei do progresso. Cabe a todos, inclusive nós Espíritas, o esclarecimento, a compreensão e a busca da efetiva erradicação da escravidão. ■

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Holanda, Sérgio Buarque de. Raízes do Brasil. 26ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- Costa, Emília Viotti da. Da Senzala à colônia, 4ª ed., São Paulo Fundação Editora Unesp, 1998.
- Boudé, Guy; Martins; Hevé. As escolas históricas. Lisboa: Europa-América, 1990.
- Agência Estado - 09.03.2004.
- O Livro dos Espíritos. FEB.

Conheça as regras do Plural

por Eduardo Martins



plural de casa é casas e o de herói, heróis. Alguma dúvida?

Se casos como esses podem ser considerados pacíficos, o mesmo não ocorre em uma série de outros. Por exemplo: os fax ou os faxes, os retrós ou os retroses? Por isso, é muito importante conhecer a formação do plural das palavras em português.

A primeira regra é a mais simples: acrescenta-se um s, apenas, quando a palavra termina em vogal ou ditongo (ai, au, ei, eu, oi, ou e ui). Veja os exemplos: marcas, cômodos, alas, pais, mingaus, pôneis, bois, tabus, rãs, órfãs, órgãos, táxis, tatus.

A complicação começa quando a letra final é uma consoante. Se esta for o s, por exemplo, há duas possibilidades.

Se a última sílaba da palavra for tônica (ou se ela for um monossílabo tônico), acrescenta-se es: gás, gases; mês, meses; obus, obuses; retrós, retroses; português, portugueses. Repare que o acento do vocábulo não se mantém: francês, franceses.

Caso a palavra, porém, seja paroxítona (acento na penúltima sílaba) ou proparoxítona (acento na antepenúltima sílaba), ela fica invariável: o lápis, os lápis; o vírus, os vírus; o ônus, os ônus; a sífilis, as sífilis; o ônibus, os ônibus.

Se o final for n, simplesmente se adiciona um s à palavra. Assim: o hífen, os hifens; o pólen, os polens; o líquen, os líquens; o abdômen, os abdomens; o elétron, os elétrons. Exceção: o cânon, os cânones. Observe que não existe acento quando a terminação é ens, mas ele se mantém no vocábulo finalizado por ons.

Uma vez compreendido o processo de formação do plural, veja em resumo como proceder quando a palavra termina nas letras mostradas abaixo.

R e Z. Acrescenta-se es: dor, dores; açúcar, açúcares; gangster, gangsteres; pôster, pôsteres; contêiner, contêineres; repórter, repórteres; faquir, faquires; noz, nozes; paz, pazes; juiz, juízes; raiz, raízes; xadrez, xadrezes; vez, vezes; rapaz, rapazes.

Atente, porém, para estas exceções: caráter, caracteres; Lúcifer, Lucíferes, júnior, juniores; sênior, seniores; sóror, sorores.

AL, EL, OL e UL. O I transforma-se em is: mortal, mortais; carnaval, carnavais; papel, papéis; fiel, fiéis; anzol, anzóis; sol, sóis; paiol, paióis; azul, azuis; paul (brejo), pauis. Algumas exceções: mal, males; cônsul, cônsules; gol, gols.

IL. Distinga dois casos. a) Se o acento cai no il, a terminação se transforma em is: vil, vis; funil, funis; barril, barris; sutil, sutis. b) Se o acento cai na sílaba anterior ao il, ele se converte em eis: fóssil, fósseis; difícil, difíceis; estéril, estéreis; réptil, répteis; têxtil, têxteis; verossímil, verossímeis; projétil, projéteis.

M. Transforma-se em ns, cai o acento tanto na sílaba final como na anterior: refém, reféns; armazém, armazéns; algum, alguns; álbum, álbuns; homem, homens; viagem, viagens; margem, margens; fórum, fóruns; item, itens; cupom, cupons; bom, bons.

X. A palavra não varia: a fênix, as fênix; o tórax, os tórax; o látex, os látex; o fax, os fax; o ônix, os ônix; a xérox, as xérox; o telex, os telex.

Atente para duas observações sobre o plural das palavras simples

a) Pronuncie sempre com clareza o s final: Os meninos espertos só gostavam de garotas bonitas. / Todos estavam presentes. Nunca diga (e muito menos escreva) meninos "esperto", garotas "bonita", todos os "presente", caixa de "pêssego", pamonhas "caseira", as "fruta", etc.

b) As palavras concludidas em au levam apenas s no plural: Os degraus (e nunca "os degrais"), os mingaus, os curaus, etc. Ais é o plural da terminação al: curral, currais.

Casos especiais

1 - Usar o nome da letra por extenso: Com todos os efes-e-erres. / Pôr o pingo nos is. / Separe os bês, os cês, os eles, os emes e os enes. Xis não varia: Analisou os xis da questão.

2 - Pode-se também recorrer à duplicação da letra: Os bb e os aa. / Separou os nn e os mm. Repare que a forma anterior é mais simples.

3 - Siglas. Acrescenta-se um s minúsculo às siglas usadas no plural: os CDBs, os PMs, as Ufirs, os Detrans, as Apaes, os DERs, as Cohabs, as ARs. A regra vale também para o caso em que se queira pluralizar uma entidade normalmente única: os BBs, os BCs, os MECs, as UNes, os EMFAs, os dois PSDBs.

Fonte:

MARTINS, Eduardo. *Com Todas as Letras*. Pág. 80. Editora Moderna. São Paulo/SP, 1999.

Não confundas

"Porque a Escritura diz: Todo aquele que nele crer não será confundido." - Paulo.
(Romanos, 10:11.)

Em todos os círculos do Cristianismo há formas diversas quanto à crença individual. Há católicos romanos que restringem ao padre o objeto de confiança; reformistas evangélicos que se limitam à fórmula verbal e espiritistas que concentram todas as expressões de fé na organização mediúnica.

É natural, portanto, a colheita de decepções.

Em todos os lugares, há sacerdotes que não satisfazem, fórmulas verbalistas que não atendem e médiuns que não solucionam todas as necessidades.

Além disso, temos a considerar que toda crença cega, distante do Cristo, pode redundar em séria perturbação... Quase sempre, os devotos não pedem algo mais que a satisfação egoística no culto comum, no sentimento rudimentar de religiosidade, e, daí, os desastres do coração.

O discípulo sincero, em todas as circunstâncias, compreende a probabilidade de falência na colaboração humana e, por isso, coloca o ensino de Jesus acima de tudo.

O Mestre não veio ao mundo operar a exaltação do egoísmo individual, e, sim, traçar um roteiro definitivo às criaturas, instituindo trabalho edificante e revelando os objetivos sublimes da vida.

Lembra sempre que a tua existência é jornada para Deus.

Em que objeto centralizas a tua crença, meu amigo?

Recorda que é necessário crer sinceramente em Jesus e segui-lo, para não sermos confundidos.



Chico Xavier - Emmanuel
Vinha de Luz